

O espaço sociocultural e linguístico de um grupo de mulheres pescadoras¹

Clarice Nadir von Borstel²

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Resumo:

Este artigo tem como objetivo refletir sobre as concepções culturais e de memória da mulher que trabalha na pesca e como acontece a interação da linguagem verbal de uso, por este grupo, na comunidade de Guaíra, Paraná. Observa-se, neste estudo, a competência comunicativa de mulheres em suas interações pragmáticas de rotina no cotidiano de suas atividades de pesca e dos serviços na vida familiar.

Palavras-chave: Mulheres profissionais da pesca; cultura/memória; bidialetalismo.

Abstract:

This article's main objective is to discuss cultural and memory conceptions of fisherwomen and how interaction takes place in the use of verbal language by this group, among local community of Guaíra, Paraná, Brazil. One observed in this study the communicative competence of such women in regular pragmatic interactions during daily fishing and ordinary family activities.

Key-words: Professional fisherwomen; culture/memory; bidialectalism.

Resumen:

Este artículo tiene como objetivo reflejar sobre las concepciones culturales y de memoria de la mujer que trabaja en la pesca y como ocurre la interacción del lenguaje

¹ Recebido em 9 de maio de 2009. Aprovado em 7 de agosto de 2009.

² Doutora (1999) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pós-doutoramento (2004) em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), é docente do Curso de Letras e do Programa de Mestrado em Letras (Área de concentração Linguagem e Sociedade) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

verbal de uso, por este grupo, en la comunidad de Guairá, Paraná. Observase, en este estudio, la competencia comunicativa de mujeres en sus interacciones pragmáticas de rutina en el cotidiano de sus actividades de pesca y de los servicios en la vida familiar.

Palabras-clave: Mujeres profesionales de la pesca; cultura/memoria; bidialectalismo.

Introdução

Vários são os contextos brasileiros nos quais a história, a memória e a linguagem colocam-se em cenários/regiões multiculturais e multilíngues, enquanto associações de profissionais. Quando se discute aspectos multiculturais e/ou multilíngues a questão caracteriza-se *na* e *pela* diferença de uma realidade concreta de usos linguísticos e de fatores culturais, quando as pessoas interagem em suas práticas sociais do cotidiano e se encontram inseridas no processo econômico, profissional e social histórico de globalização que resultam *na* e *pela* diferença da profissão, de fatores socioculturais e da comunicação verbal, principalmente da mulher brasileira.

Besse (1999), em seus estudos sobre a mulher brasileira, mostra as dificuldades profissionais pelas quais as mulheres tiveram que passar, desde o início do século XX, na classe média-alta e nas famílias abastadas e, depois mais tarde com a revolução industrial e, como consequência a sociedade brasileira começou a aceitar, não sem relutar, o trabalho da mulher para que a classe média pudesse garantir uma melhor qualidade de vida para os filhos. As mulheres das classes menos favorecidas desempenham, ainda hoje, a sua profissão em serviços domésticos e de faxina, e tendo a responsabilidade do papel principal na família, tudo depende de sua coragem e de suas habilidades profissionais, como pode ser observado nesta pesquisa.

Este estudo traz reflexões sobre as relações profissionais da mulher que trabalha na pesca artesanal, no Lago de Itaipu e no Rio Paraná, divisa do estado do Mato Grosso do Sul, em Guairá, Paraná. Apresentam-se dados empíricos da etnografia da comunicação sobre um grupo de mulheres que trabalha na pesca,

na situação de valorização da mulher como profissional cadastrada e registrada na associação. Isto só foi possível com a organização da associação da Colônia de Pescadores Profissionais Z-13 de Guaíra.

Este estudo foi um dos objetivos do Projeto de Pesquisa Institucional (2006-2008) – *O Cenário de pescadores de Guaíra: história, memória e linguagem*, sob a coordenação da autora deste texto, com a participação dos professores do Cepedal: Robson Laverdi, Geni Rosa Duarte do Curso de História e Márcia Sipavicius Seide do Curso de Letras, Linha de Pesquisa Práticas Linguísticas, Culturais e de Ensino, do Programa de Mestrado de Letras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Investigaram-se os dados sob a perspectiva da etnografia de comunicação social e da história oral no cenário deste grupo que tem em comum o fato de ser de uma tradição oral e de ser mais complexo social, cultural e linguisticamente do que este aparenta ser no contexto da sociedade brasileira como um todo. É importante, ainda, assinalar que os pesquisadores deram enfoques diferenciados sobre o objeto de pesquisa, relatório apresentado e aprovado pelo Comitê de Pesquisa do CHELL e protocolizado na PRPPG/Unioeste, em maio/2008.

No presente artigo, interpretam-se as narrativas de vidas em situações profissionais reais de uma hibridização³ de história cultural, de memória e da comunicação verbal, sobre a não valorização de seu trabalho pelos homens profissionais da pesca e da comunidade, assim como as enunciações linguísticas deste grupo de mulheres que trabalha na pesca.

O cenário sociocultural deste grupo de mulheres profissionais da pesca

Diferentes abordagens orientam, hoje, a discussão acerca das condições profissionais de vida de grande parte das mulheres no mundo, assim como

³ Em meus estudos quando se utiliza o termo hibridismo linguístico, reporta-se, sempre, ao conceito dado por Bakhtin, quando da interlocução comunicativa entre falantes que utilizam o bidialetalismo pode haver “uma hibridização involuntária e inconsciente [...] uma modalidade mais importante da existência histórica e das transformações das linguagens” (Bakhtin 2002:156), em comunidades de fala de um dado grupo sociocultural e multilíngue, quando há a solidariedade linguística e cultural entre o grupo.

também no Brasil. Estas apontam para a desigualdade sócio-econômica e a não escolarização que denunciam a desvalorização de várias profissões quando relacionadas às mulheres, diversas entre si e por vezes conflitantes. A temática está em pauta em diferentes espaços: universidades, associações e entidades afins, na mídia impressa e televisiva, nas pastas instituídas nos poderes públicos para a elaboração de políticas, voltadas ao espaço do trabalho da mulher na sociedade.

Ao longo da história brasileira, percebem-se inúmeras possibilidades para analisar a atuação histórica de pescadores que lutaram com as armas possíveis, inventaram instrumentais de negociação e de defesa do conjunto de práticas que expressam os valores e as expectativas de legalizar a profissão tanto dos homens como das mulheres no Brasil. Nos anos oitenta, do século vinte, uma série de transformações, principalmente no cenário político e social brasileiro, colaborou para a visibilidade de outras formas de lutas sociais e profissionais. Isso foi possível observar com a organização da associação da Colônia de Pescadores de Guáira, criada, em 1967, pelos pescadores, em 1988 através de Portaria Federal, e, somente, legalizada, em 2005, com Estatuto e o CNPJ como Colônia de Pescadores Profissionais Z-13 de Guáira. A legalização da mulher como profissional da pesca não seria possível se não houvesse primeiro a legalização federal desta profissão no país.

Em Guáira, observou-se tensão muito parecida com aquelas que ocorrem em âmbito nacional, resguardando, é claro que, especificidades de lutas e atividades profissionais, aqui apresentadas, sobre as mulheres que trabalham na pesca que têm todas as outras atividades de trabalho em seu cotidiano: os afazeres domésticos, cuidar dos filhos, do marido e, ou companheiro.

Segundo Bareksten et. al. (2006:51), não é possível uma descrição social completa das mulheres e da família sem incluir a dimensão privada, em que as vidas das mulheres se intersectam mais frequentemente com os poderes do mercado, da nação e dos homens.

No Brasil, a entrada das mulheres no trabalho profissional da pesca, tem sido visto como um fenômeno novo, muitas vezes resultante de dificuldades econômicas do companheiro (na vida conjugal homem/mulher nem sempre

há um casamento legalizado institucionalmente, e, sim, pode existir uma preferência por uma relação de parceria conjugal entre o casal, às vezes pode ocorrer uma relação duradoura e outras vezes não) e, ou marido, e de uma política econômica do país em registrar o profissional da pesca como reflexo de um processo complexo que atravessa as mais diversas áreas da vida social, da globalização dos sistemas produtivos e financeiros, isto se dá pela rápida revolução nas tecnologias, práticas de informação e comunicação, da erosão do Estado nacional e da redescoberta da sociedade civil quanto ao aumento exponencial das desigualdades sociais, das novas práticas culturais e identitárias aos estilos de consumo globalizado.

Assim, determinadas condições históricas e de memória contribuíram para a concretização de certas expectativas já existentes por parte de grupos de mulheres alijadas do poder social e econômico. A legalização da pesca artesanal foi no embalo da promessa nacional do país, no jogo das forças políticas locais e estaduais quando do desaparecimento e, ou alagamento do Parque das Sete Quedas formando o Lago de Itaipu.

O município situa-se na extremidade Norte do Lago de Itaipu, formado pelo represamento do Rio Paraná para a construção da hidrelétrica de Itaipu. A cidade delimita a fronteira entre as águas do lago com as do Rio Paraná. O Lago, com uma área de 1350 km quadrados, com uma extensão de 160 km e largura média de 7 km, propicia a prática da pesca, mas segundo os pescadores entrevistados, várias espécies de peixe foram extintas com a formação do Lago. Observa-se na fala de um dos entrevistados “[...] é, antigamente, eu pegava armado, paqui, pintado... o pintado nosso aqui tá difícil, ele tá em extinção mesmo... é o pintado... o dorado, então, nem se fala. O paqui mesmo só tá pegando na época... é o paqui é aquele peixe barbado que eles fala [...]” (Entrevista de AWC, com 39 anos de idade, em agosto/2006).

A criação e a legalização da associação dos pescadores, no município, deu-se de forma de gestão pública muito lenta. Sem se preocupar, nesta reflexão, se estas expectativas realizaram-se, ou de que forma estas foram atendidas, interessa perceber como esta forma de gestão pública e os debates em nível nacional sobre a legitimidade dos direitos e da participação da mulher como profissional, entre

outras motivações, deram fôlego aos anseios e projetos deste grupo socialmente excluído, como no caso de mulheres que trabalham na pesca.

Para ratificar o que foi apresentado, cita-se Butzge, quando referenciou em sua pesquisa as mulheres pescadoras na comunidade de Santa Helena, próximo a Foz de Iguaçu, na região do Lago Itaipu, estado do Paraná fronteira com o Paraguai. O autor levantou dados sobre o trabalho das mulheres pescadoras, no qual “o reconhecimento oficial das mulheres como pescadoras, geralmente é como ajudante de pesca, o registro da profissão está vinculado ao barco do marido ou do pai” (2006:118). Portanto, em seus estudos, as mulheres pescadoras demonstram em suas entrevistas que foram introduzidas na profissão como ajudantes da pesca por influência de pais e maridos, de uma cultura de base rural, pela necessidade econômica de conseguir sobreviver nesta atividade e por terem dificuldade para desenvolver outra profissão, visto que não possuem uma situação financeira e nem escolarização. Ainda, segundo Butzge, são consideradas como ajudantes e não como profissionais da pesca, pelos próprios pescadores homens na comunidade e nos Pontos de Pesca de Santa Helena.

Como se vai tratar desses fatos, é necessário situar este enfoque como um estudo de caso de memória e de identidade da profissional pescadora. Mulher sofrida com uma profissão que, ainda, não é muito bem definida por ela própria. Nas entrevistas com este grupo de mulheres de Guaíra, isso ficou muito marcado em suas situações enunciativas sobre o trabalho na pesca de forma artesanal. Nas entrevistas, observou-se que as mulheres pescadoras de Guaíra ainda executam a maior parte do trabalho doméstico necessário para manter em funcionamento a unidade doméstica familiar (Borstel 2008).

Antes de ser cadastrada e registrada como profissional da pesca, a mulher do pescador trabalhava com seu companheiro e, ou marido, como auxiliar, sem ter o merecido reconhecimento como uma profissional da pesca. No entanto, a realidade histórica mostra que as mulheres sempre contribuíram para auxiliar nos recursos econômicos para ajudar a manter a família, ou seja, como filha ou como esposa. Como pode ser observado na situação enunciativa da entrevistada,

[...] naquele tempo... quando era criança ia lá no rio... com meu pai pescá... e vendê na Vila... hoje agente vai pescá lá na mata do Paraguai... é caro ir até lá de barco é sessenta real... ah! ...porque já venho de família de pescadô, meu pai era pescadô, toda vida foi... é, aqui em Guáira, meu pai ainda é pescadô... para pegá peixe vamo de barco na mata do Paraguai... (Entrevista em julho/2006, no Ponto de Pesca Santa Clara).

A investigação demonstrou que as mulheres, que trabalham na pesca, recebem as regalias Estaduais e ajudam a aumentar o salário do companheiro e, ou marido, e fazem todas as atividades domésticas. Muitas das mulheres, além de trabalhar nas atividades domésticas e na pesca, trabalham como diarista em casa de famílias de Guáira, para poder ajudar economicamente quando não tiram peixe do Rio Paraná e do Lago Itaipu, pois, manter os membros da família exige alimentação, limpeza e habitação. Todas estas atividades requerem disponibilidade e tempo para serem realizadas pela mulher no seu cotidiano (Borstel 2007).

As profissionais da pesca, entrevistadas, são unânimes em dizer que depois que o Rio Paraná foi transformado em Lago de Itaipu, houve uma redução de vários tipos de peixes e do pescado, como já citado. Quando faltam recursos econômicos e não podem desenvolver a atividade de pesca (ou não tem peixe, ou as intempéries do tempo não permite o ato de pescar) para poder se manter dignamente com os seus familiares, muitas vezes, são obrigados a exercer outras atividades profissionais, como dizem – fazem bicos por fora (Borstel 2008).

Para tanto, o entrecruzar dos dados da imprensa local, das narrativas orais e das fontes privilegiadas neste estudo, enriquece a interpretação por apontar fatos e interesses diferenciados entre o grupo de homens e mulheres pescadoras distintos, que, por diversas vezes, tencionam-se na vida profissional do cotidiano da realidade social, ainda que em condições desiguais.

Ao entrar em contato com a história da cidade de Guáira, pode-se entender que os fatos históricos que forjaram as relações sociais entre fronteiras geográficas (Paraguai e Brasil) e de divisa com estado do Mato Grosso do

Sul, e, de como se engendram as intervenções dos poderes políticos desde o início, quando estas terras de fronteira pertenciam ao Reino da Espanha e eram habitadas por índios guaranis. O período de colonização de Guaíra teve início, por volta de 1880, com a instalação da Companhia Mate Laranjeira, multinacional com sede em Buenos Aires, Argentina. A Empresa era dirigida por um argentino, um paraguaio e um inglês. Os diretores trouxeram e, ou contrataram funcionários vindos de seus lugares de origem para trabalharem na Companhia Mate Laranjeira, em Guaíra. O idioma utilizado, na época, era o espanhol. Isto pode ser verificado nos registros dos livros de contabilidade da companhia que se encontram no Museu Municipal de Guaíra. Em 1944, foi solicitada a encampação das terras da Companhia Mate Laranjeira pelo Serviço de Navegação na Bacia do Prata, uma autarquia do governo federal brasileiro. A Companhia Mate Laranjeira entregou as terras ao Brasil para posterior fundação do município de Guaíra, em 14 de novembro de 1951 (Entrevista dada pela responsável do Museu Municipal de Guaíra, Maria Dolores da Rocha, em 13.11.2007 – Jornal Presente).

Ainda, hoje, há imigrantes de paraguaios que vieram para Guaíra, no final da década de trinta, residindo no bairro Vila Velha (Aguazo; Borstel 2006), bem próximo ao Ponto de Pesca Porto Prainha. No registro de cadastro de pescadores do Ponto de Pesca Porto Prainha, pode ser verificado, que há descendentes destas famílias associados à Colônia de Pescadores Profissionais Z-13 de Guaíra. Alguns pescadores imigrantes e descendentes de paraguaios, tanto do gênero masculino como do feminino foram entrevistados neste ponto de pesca (Entrevista em julho/2006, no Ponto Porto Prainha).

O espaço geográfico e histórico deste município ajuda a compreender a realidade de segregação social desta profissão de pescadores na comunidade, a partir da forma como homens e mulheres pescadoras enfrentaram a realidade de exclusão social e discriminação da profissão na comunidade, que, em outros tempos, dava-se de forma explícita, quando os pescadores não tinham crédito para poder financiar móveis e, ou compras do mês no comércio local (Entrevista dada pelo presidente da Colônia de Pescadores Profissionais Z-13, em junho/2006).

Certamente estas situações guardam relação, direta ou não, com a criação da associação de pescadoras que se organizaram nesta cidade. É desse modo que se estabeleceu a Associação da Colônia de Pescadores Profissionais Z-13, como um marco de mudança para a situação dos pescadores na cidade. Dentre várias afirmações e colocações que apontam esse sentido, a entrevistada diz,

Porque quando eu cheguei aqui, quando eu cheguei aqui, nós pasamo frio e dura. Aí nós crescimo. Andei catando dia de bóia-fria por aí...pra trabaia. Mas uns pagava, outros não pagava, daí eu falei ah... não! Essa vida não dá não!... Daí nós comecemos de pegá isca. Daí não dava também... o dinheiro não dava pra nada, falei, quer saber de uma coisa, vamo é pescá mesmo! Aí foi a hora que nós fizemo as cartera. (Entrevista de T.A., em agosto/2006, moradora no bairro Vila São Francisco, antiga Vila dos Pescadores, nascida em Rancho Alegre, PR, com 50 anos de idade).

Em vários momentos das entrevistas, observa-se que as mulheres que trabalham na pesca organizaram-se juntamente com os homens pescadores, em associação, resultando a vivência do trabalho de mulher pescadora como instrumento legítimo para a conquista de alguns espaços, como em parte a aceitação pública do valor da profissão na comunidade.

Alguns Pontos de Pesca estão localizados na periferia da cidade de Guaíra, outros na margem do Lago Itaipu, uns na margem do Rio Paraná e, ainda na margem das ilhas do Rio Paraná, pela natureza dos pescadores, um meio complexo onde se confrontam sistemas de pensamento e práticas heterogêneas, numa imbricação de espaços rurais e de zonas urbanizadas.

Os pescadores e a mulher que trabalham na pesca participam de uma economia urbana de múltiplas formas, mantêm-se muitos ainda ligados ao desempenho de atividades agrícolas e às comunidades rurais dos seus locais de origem. Uma grande maioria divide a sua lealdade e solidariedade com os seus parentes e, ou redes sociais de grupos de interesses ligados à vizinhança e à Associação da Colônia de Pescadores. Assim, podem existir alterações nas regras de conduta da mulher profissional da pesca, pois há parâmetros

comuns que remetem ao universo cultural das comunidades rurais e como dona de casa e, isto ainda, é bastante significativo para estas mulheres trabalhadoras na pesca.

Nas entrevistas quando é tratado sobre histórias de vida, cita-se, também Portelli, quando diz que,

o principal paradoxo da história oral e das memórias e, de fato, que as fontes são pessoas, não documentos, e que nenhuma pessoa, quer decida escrever sua própria autobiografia, [...] quer recorde em responder a uma entrevista, aceita reduzir sua própria vida a um conjunto de fatos que possam estar à disposição da filosofia de outros. Pois, não só a filosofia vai implícita nos fatos, mas a motivação para narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar já *é interpretar*. (Portelli 1996:60) (grifo do autor).

Assim como se expressa o significado de experiência através de narrativas orais dos falantes, salienta-se que a pragmática diz respeito à interpretação de enunciados dados pelos entrevistados, enquanto o fato semântico traz a compreensão dos sentidos dos enunciados proferidos. Para Cavalcanti (1989), quando cita Leech (1980), observa que “a teoria pragmática teria como objetivo o estudo da relação entre o significado ou o sentido da expressão linguística e a força comunicativa que ela tem para falantes e ouvintes em dadas situações de enunciação” (Leech 1980 *apud* Cavalcanti 1989:57).

Estes fatos pragmáticos apresentam-se nas descrições narrativas, enunciadas por este grupo de mulheres profissionais, quando as pescadoras se expressavam a partir de elementos prosódicos significativos de fatos da experiência do cotidiano na área rural, na pesca, no papel de mãe, e, desenvolvendo no dia-a-dia as atividades da lida doméstica. Somente com o trabalho na pesca, estas mulheres têm acesso e direito ao sistema de proteção previdenciária, mesmo que, muitas vezes, são consideradas pelos pescadores e, ou marido pescador de ajudantes da pesca.

Portanto, verificou-se que as mulheres trabalhadoras da pesca, ainda executam a maior parte do trabalho doméstico necessário para manter o funcionamento e a unidade doméstica familiar. Estes fatos manifestam-se nas entrevistas, como também no fatigante trabalho da palavra com traços linguísticos bidialetais.

A sociolinguística sob uma abordagem pragmática da vida cotidiana despontou, no cenário da língua materna vernácula nacional como uma área fértil e desafiadora, dada à necessidade de levantar dados para poder compreender e refletir sobre a realidade de usos linguísticos de um país em que diferentes dimensões sociais se conjugam para a configuração de um quadro sociolinguístico e pragmático em um cenário complexo. Portanto, uma realidade que até um passado bem recente era conhecida como uma forma linguística, marginalizada pela sociedade brasileira, não respeitando a heterogeneidade linguística regional do bidialetalismo no país, sob um enfoque cultural societal.

Quando se referencia o termo societal sobre bidaletalismo, discutem-se os aportes da pragmática que leva em consideração as diferenças existentes entre os falantes de uma conversação. As possíveis reflexões dadas sobre os estudos da pragmática e da sociolinguística são definidas em termos amplos e foram citadas por Mey (1998; 2001), mostrando estudos em cenários de enunciação em contextos, voltados ao interesse societal do usuário. Reforça-se o que o autor cita,

tomar uma formação societal como texto implica atribuir vozes: primeiramente, falantes e ouvintes, mas também eventuais espectadores, ouvintes desconhecidos, leitores (próximos e distantes, tanto no tempo como no espaço)... Uma voz pressupõe um papel, uma personagem, portanto, uma atividade, uma ação. (Mey 2001:19).

Nas investigações, com as mulheres profissionais que trabalham na pesca, a voz societal tem uma concepção de diálogo e de dialética na

comunicação verbal, em suas práticas da vida cotidiana, dominada por motivos pragmáticos, em que o conhecimento linguístico é limitado. As entrevistadas têm em torno de quatro anos de escolarização, isto é, o conhecimento linguístico é limitado à competência pragmática em desempenhos de rotina do trabalho na pesca, dos serviços de rotina do dia-a-dia dos afazeres da casa e do cuidado com os filhos. Como pode ser observado na situação enunciativa de S. A. M., do Ponto de Pesca Santa Clara, quando relata os fatos de sua experiência sobre seus afazeres como trabalhadora na pesca. Nascida no distrito de Oliveira Castro, divisa com o Lago de Itaipu, fronteira com o Paraguai, a entrevistada tem trinta e quatro anos de idade, quatro anos de escolaridade, trabalha na atividade de pesca há dezoito anos, e faz os trabalhos de casa (lavar e passar roupa, limpar a casa e o ato de cozinhar e servir), o que pode ser observado em sua fala,

[...] É mais ou menos, nós vamo pro rio né, a tarde, daí nós volta, deita, de manhã os meninos levanta, vão pro rio de volta, corre... nós trabaiá, desse jeito, e fica um período do dia fica um pouco em casa... trabaiá em casa né, daí deu a tarde daqui a poco mesmo e é hora de nós ir, deu a tarde, aí nós coloca a isca, tudo dia de manhã nós já corre, se deu alguma coisa, ou não deu. Hoje nós pegemo dois, deu um quilo de peixe, um quilo, sabe, tem corage, lá pro Paraguai, por que aqui não tá bom. (A entrevista foi dada em julho/2006, no Ponto de Pesca Santa Clara).

A partir do relato de experiência de vida da entrevistada, reforça-se o que Berger e Luckmann (2002), citam sobre o acervo social do conhecimento, quando inclui o conhecimento da situação do cotidiano e dos limites linguísticos que os usuários têm em suas práticas. Por conseguinte, é o conhecimento apresentado na lida da rotina de seu cotidiano quando do desempenho comunicativo e lexical em suas atividades de grupos profissionais, renovando continuamente o léxico linguístico do arsenal em função das incidências da pesca no dia-a-dia dos pescadores, em seus aspectos

mais visíveis e repetitivos quanto à vida da vida cotidiana deste grupo nos Pontos de Pesca na região.

Ainda, nas considerações dos autores, “sendo a vida cotidiana dominada por motivos pragmáticos, o conhecimento receitado, isto é, o conhecimento limitado à competência pragmática em desempenhos de rotina, ocupa lugar eminente no acervo social do conhecimento” (Berger e Luckmann 2002:63), do indivíduo em um cenário cultural de grupo e, ou atividade profissional.

Nesta condição particular de bidialetalismo, esta é caracterizada pelo contexto familiar, profissional, escolaridade e cultural societal destes falantes. Para poder investigar estes dados da língua materna vernácula, é necessário tomar como base os estudos Labov (1986). O autor propõe uma metodologia através de um roteiro de entrevistas para poder observar e analisar a variação de traços linguísticos bidialetais, aqui no caso o português brasileiro – função tópica – e, ainda pela forma *dinâmica* da interação comunicativa que ocorreu quando das entrevistas com as profissionais da pesca.

Nas entrevistas, quando se trata da função tópica do entrevistador e dos entrevistados, também, foi analisado por Seide, quando da pesquisa com os pescadores, em Guaira,

[...] foram observadas algumas estratégias de aproximação utilizadas pelos interlocutores. O entrevistador faz uso das seguintes formas linguísticas: uso da primeira pessoa do plural na primeira frase, uso do imperativo e retomada de informações dadas previamente pelo entrevistado em conversa informal. A estratégia utilizada pelo entrevistado, por sua vez, consiste em mimetizar a forma e/ou o conteúdo da fala do entrevistador. (Seide 2007:157).

Para a autora, quando das entrevistas dirigidas, o uso destas formas de estratégias linguísticas de aproximação, utilizadas pelo entrevistador foram bem sucedidas, visto que a técnica “paradoxo do observador” (Labov 1983), foi superada no momento em que a entrevista tornou-se mais espontânea, depois de uma interlocução mais informal por parte do entrevistador quando da interação comunicativa face-a-face, entre entrevistador e entrevistado.

Os traços bidialetais nas enunciações do cotidiano das mulheres pescadoras

Para poder tratar sobre traços linguísticos bidialetais, utilizados pelas entrevistadas, abordam-se as perspectivas sociolinguísticas, que têm um caráter empírico, ou seja, faz-se um diagnóstico da vivência real, destas profissionais da pesca, organizadas em associação de pescadores. A partir de estudos propostos por Labov (1983; 1986), que aborda a relação língua/sociedade, no aspecto virtual e real de sistematizar as variantes linguísticas, existente neste grupo. O levantamento dos dados linguísticos para um estudo de variação do português foi realizado a partir de um roteiro de entrevista e da observação quando das entrevistas dirigidas, das narrativas orais, do cotidiano profissional destas mulheres que trabalham na pesca.

Nas situações enunciativas das narrativas destas mulheres aparecem traços de interrupções, digressões, repetições e o uso bidialetal dos elementos prosódicos e dos segmentos linguísticos do falar do português brasileiro que caracterizam a narração, os quais são procedimentos constitutivos da oralidade, a partir da competência comunicativa. Como cita Hymes: “é aquela que se refere ao conhecimento e uso da estrutura da língua. É um conhecimento comumente inconsciente e mostrado na fala espontânea” (1972:270), das entrevistadas. Como pode ser observado no fragmento,

[...] naquele tempo se pegava peixe na vara sabe? ... naquele tempo quando era criança ia lá com meu pai pescá... e vendê... hoje agente vai pescá lá na mata do Paraguai... é caro ir até lá de barco é sessenta real... ah! ...porque já venho de família de pescadô, meu pai era pescadô, toda vida foi... é, aqui em Guaira, meu pai ainda é pescadô... (A entrevista de M.S.T. foi em julho/2006, no Ponto de Pesca Santa Clara).

Ficam muito evidentes, nas entrevistas, os traços da prosódia que abrangem fenômenos fonéticos segmentais, pois afetam mais de um elemento

segmental, como no caso a omissão dos traços de sons sibilantes e, ou fricativos [s;ʃ] nos sintagmas nominais e sintagmas verbais; do apagamento do fonema [r] em final de palavras das formas verbais do infinitivo (*pescá, pescadô, trabaiaá, pegá, fazê, colhê*); o uso da labialização e da velarização que podem para as falantes apresentar uma harmonização perfeita de sons. Assim, os elementos prosódicos de usos de monotongação (*pexe, cartera, dinherinho, formô, alquere, poco*); usos de ditongação (*nóis*); a omissão de traços da nasalidade em elementos lexicais substantivos e verbos (*corage, levanta, uns pagava,*); a despalatização da consoante lateral (*trabaiaá, muié*), os traços segmentais vocálicos e consonantais na fala destas entrevistadas podem ser interpretados como traços prosódicos, pois o acento de intensidade, duração e ritmo, os fenômenos sociais e culturais estão intrinsecamente ligados a fenômenos linguísticos.

Nas enunciações, observadas na fala das mulheres pescadoras, fica caracterizada a retenção da variante da marca de plural [Ø]. Nas entrevistas, estes traços linguísticos e pragmáticos ficam evidenciados de uma forma *dinâmica* na interação comunicativa dos falantes.

Observou-se que as palavras que apresentam maior diferenciação da redução do sintagma nominal [-s], aparecem na relação singular/plural do léxico substantivo (*corage, alqueire, sessenta real*) e da omissão do sintagma nominal do léxico do verbo na continuidade de primeira pessoa do plural (*passamo, crescimo, comecemos, vamo, fizemo, cheguemo, viremo*) e do pronome pessoal da primeira para a terceira pessoa do plural com a conjugação do léxico verbal na terceira pessoa do singular (*nóis coloca, nóis corre*).

A alternância fônica do sintagma nominal e a redução do [-s] no léxico verbal na continuidade de pessoa reforça as hipóteses, levantadas por Tarallo (1986) e Naro & Scherre (2003), quando ressaltam que o princípio de saliência fônica, embora seja de base fonética, tem sido constatado em fenômenos morfológicos e não em fenômenos fonológicos. Quando do aspecto morfológico, as palavras bimorfêmicas (palavras que admitem outras formas de escrita que concordam com gênero masculino e feminino ou com a conjugação verbal de pessoa e número) situam-se na segunda

e principalmente na terceira posição no sintagma nominal de pessoa, na continuidade do léxico verbal, sofrendo a variação linguística da ausência e, ou redução do [-s]. Esta variável deu-se pelo baixo índice de escolaridade, fator determinante para alta incidência da ausência da marca na concordância de número nas narrativas individuais das entrevistadas.

Sobre o uso bidialetal do português brasileiro por este grupo de mulheres que trabalha na pesca artesanal, constatou-se que estas têm em torno de quatro anos de escolarização, e o uso prosódico e as mudanças fonéticas apresentam uma hibridização linguística de traços léxico-fonológicos. Portanto, isto não é novo, já foram registradas descrições linguísticas por Amaral (1955), Silva Neto (1979), Câmara Jr. (1977) e Leite & Callou (2002). Estes estudiosos mostram que a implementação de mudanças de traços prosódicos, fonéticos e morfossintáticos, como foi, também, observado nesta investigação, não altera a relação fundamental que se deve estabelecer com extenso e massivo contato entre línguas entre imigrantes e seus descendentes de vários países, que ocorreram e, ainda ocorre, no Brasil, principalmente, quando se leva em conta o que é consensual entre os estudiosos da sociolinguística e da pragmática quanto ao uso de elementos prosódicos, a redução/eliminação de traços fonéticos e das flexões nominais e verbais, com a conseqüente variação/eliminação das regras de concordância nominal e verbal. É um dos reflexos mais notáveis nas enunciações de falantes de base-rural, e, neste estudo em particular, o falar das profissionais que trabalham na pesca.

Contemplou-se nestas reflexões, principalmente, que a mulher pescadora, ainda vem a ser a ajudante da pesca, mesmo tendo um registro de profissional da pesca. Esta mulher não é uma profissional com o seu trabalho valorizado pela própria associação e, ou pela comunidade local, diferentes enfoques da comunidade que revelam lutas e inserções da mulher de base-rural, de baixa renda econômica e de pouca escolaridade, a luta para sobreviver em uma profissão marcada pelo gênero masculino e para sobreviver economicamente em seu dia-a-dia.

Considerações finais

Este estudo, sobre a história oral e as memórias deste grupo de mulheres profissionais, que trabalham na pesca, através dos enunciados sobre a rotina de seu cotidiano em suas atividades de pesca, como também, a responsabilidade no trabalho necessário dentro de casa e do cuidado com os filhos, para poder manter social e economicamente a vida familiar, não oferece um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas de experiências comuns de trabalho que podem ser reais ou imaginárias em seus relatos de experiências, em que cada entrevistada é diferente das outras, mesmo que tenham muitas coisas em comum, buscando em seu processo identitário profissional, tanto a própria semelhança como a própria diferença, em relação às outras.

Esta investigação, sobre a mulher que trabalha na pesca, pode ser reforçado com o que diz Portelli, “estes procedimentos da oralidade põem em evidência o *trabalho* da palavra, da memória, da consciência” (1996:69), através das entrevistas pelas narrativas de experiência de vida deste grupo de mulheres.

O uso prosódico e as mudanças fonéticas latentes na deriva secular do português brasileiro, desde a vinda dos portugueses, dos africanos e de todas as outras imigrações que no Brasil se enraizaram, apresentam uma hibridização linguística léxico-fonologia e morfossintática, em enunciados do cotidiano em várias regiões sociogeográficas do país. Amaral (1955), Silva Neto (1979), Câmara Jr. (1977) e Leite & Callou (2002), em seus estudos, mostram que a implementação de mudanças de traços prosódicos, linguísticos e pragmáticos, como foi observado neste estudo, não altera a relação fundamental que se deve estabelecer com extenso e massivo contato entre línguas que ocorreram no Brasil, principalmente, nesta comunidade de fala de fronteira geográfica com o Paraguai e de divisa com o Mato Grosso do Sul.

Desde o início da colonização deste município, em 1951, houve pequenos grupos de imigrantes de várias nações (paraguaios, argentinos,

ingleses, alemães, de países árabes, e, mais recente um pequeno grupo de japoneses) que em suas interações comunicativas apresentavam traços das línguas alóctones e de fronteiras geográficas. Leva-se em conta o que é consensual entre os estudiosos da sociolinguística e da pragmática o uso da alternância fônica e de elementos prosódicos hibridizados do português brasileiro, das línguas alóctones e de fronteiras, nas interlocuções comunicativas destes falantes em seu cotidiano.

Um dos reflexos mais notáveis nas enunciações destas falantes entrevistadas é o baixo índice de escolaridade, ou seja, quatro anos de escola e, muitas vezes incompleto. Em sua maioria, estas são de base-rural, isto foi observado através das entrevistas, e, poucas foram as mulheres que aprenderam a pescar desde crianças, isto ficou muito claro nas situações enunciativas das mulheres, que trabalham na pesca e, ou nos pontos de pesca em Guaira.

Referência bibliográfica

AGUAZO, Cristian E.; BORSTEL, Clarice N. von. 2006. Estudos sociolinguísticos da comunidade de fala de Vila Velha, Guaira, Paraná. *Relatório de Iniciação à Pesquisa do PIBIC/CNPq/Unioeste/2006*, pp. 01-15.

AMARAL, Amadeu. 1955. *O dialeto Caipira*. São Paulo: Anhembi.

BAKHTIN, Mikhail. 2002. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena S. Nazário, Homero F. de Andrade. 5. ed. São Paulo: Hucitec.

BAREKSTEN, Berti; EULER, Catherine; HANMER, Jalna; VE, Hildur. 2006. Mulheres e família na Europa. In: BARRADAS, Ana. (Org.). *As mulheres na União Europeia – família, cidadania e migração*. Lisboa: Ed. Ela por Ela, pp. 11-76.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. 2002. *A construção social da realidade*. Tradução de Floriano de S. Fernandes. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

BESSE, Susan K. 1999. *Modernizando a desigualdade. Reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940*. São Paulo: Edusp.

BORSTEL, Clarice Nadir von; SEIDE, Márcia S; LAVERDI, Robson; DUARTE, Geni R. 2007. O cenário de pescadores de Guaira: história, memória e linguagem. *V EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar*. n. 5, pp. 1-4.

BORSTEL, Clarice Nadir von. 2007. Linguagem/cultura e memória no cotidiano de mulheres pescadoras. *VII Seminário Nacional de Literatura, História e Memória; I Simpósio de Pesquisa em Letras da Unioeste*. n. 7, pp. 1-10.

_____. 2008. Linguagem, cultura e memória de mulheres profissionais da pesca. *Revista Espéculo*. Madri: Universidad Complutense. n. 38, pp. 1-11.

BUTZGE, Clóvis A. 2006. *Linguagem e identidade de pescadores do Lago de Itaipu*. 180f. Dissertação de Mestrado do Programa *Stricto Sensu* em Letras da Unioeste, Cascavel, PR. (Área de Concentração Linguagem e Sociedade).

CÂMARA JR., J. Mattoso. 1977. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.

CAVALCANTI, Marilda do Couto. 1989. *Interação leitor-texto: aspectos da interpretação pragmática*. Campinas: Ed. Unicamp.

HYMES, Dell. 1972. On competence communicative. In: PRIDE, J.; HOLMES, J. (Ed.) *Sociolinguistics*. Harmonds Worth Penguin. Books, pp. 269-294.

LABOV, WILLIAM. 1983. *Modelos sociolinguísticos*. Madrid: Ed. Cátedra.

_____. 1986. Field Methods of the project on linguistic change and variation. In: – BAUGH, J.; SHERZER, J. (Eds.). *Language in use*. NJ: Prentice-Hall, pp. 28-53.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. 2002. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Zahar.

MEY, Jacob L. 2001. *As vozes da sociedade: seminário de pragmática*. Tradução Ana Cristina Aguiar. Campinas: Mercado de Letras.

_____. 1998. Etnia, identidade e língua. In: SIGNORINI, I. (org). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras, pp. 69-88.

NARO, Anthony J.; SCHERRE, Maria Marta P. 2003. Estabilidade e mudança linguística em tempo real: a concordância de número. In: PAIVA, M. da C. de; DUARTE, M. E. L. (orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa-FAPERJ, pp. 47-62.

PORTELLI, Alessandro. 1996. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*. Rio de Janeiro: UFF/Relume-Dumará, v. 1, n. 2, pp. 59-72.

ROCHA, Maria Dolores da. 2007. Entrevista Guaira 56 anos – Especial Sete Quedas. *O presente*, Ano 16, n. 2222, Marechal Cândido Rondon, PR, Terça-feira, 13 nov.

SEIDE, Márcia Sipavicius. 2007. A interação entrevistador-informante numa comunidade de pescadores de Guaira, PR. *Línguas & Letras*. v. 8, n.14, p. 147-161.

SILVA NETO, Serafim da. 1979. *História da língua portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: MEC-Instituto Nacional do Livro. Coleção Linguagem.

TARALLO, Fernando. 1986. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática.